



Pedro Anísio, Maria do Rosário, Marcos Mendes, João Lanari, José Acioli, Tânia Quaresma, Omar Abbud: cineastas e jornalistas debatem cinema

Cinema brasileiro em debate no Sindicato dos Bancários

A produção cinematográfica brasileira foi tema de discussão durante o curso "Cinema e Cineclubismo", promovido pelo Departamento Cultural do Sindicato dos Bancários nas três últimas semanas.

No último dia, um painel reuniu para debater o "cinema brasileiro", os cineastas José Acioli, Tânia Quaresma, Pedro Anísio, Marcos Mendes, João Lanari e os jornalistas Omar Abbud e Maria do Rosário Caetano.

Tânia Quaresma, diretora de dois filmes de longa metragem - **Nordeste-Cordel, Repente e Canção e Projeto Trindade** - decidiu se radicar em Brasília. As razões de sua escolha foram dadas por ela:

- Criei a Fundação Bem-Te-Vi, uma instituição sem fins lucrativos, que buscará recursos junto a instituições internacionais, para trabalhar com vídeo. O projeto nasceu de um sonho. Neste sonho, Brasília era o cenário de meu trabalho futuro. Inicialmente, pretendo fazer quatro pilotos. O primeiro será sobre "Crianças e Velhos", sendo que os figurinos e a cenografia serão criados por velhos e crianças. É uma série didática. Nem que eu gaste 30 anos para viabilizá-la, vou em frente.

A trajetória de Tânia Quaresma pelo cinema é muito peculiar. Ela sempre se interessou por fotografia. Antes de chegar ao cinema, era fotógrafa do **Jornal Folha da Tarde**. A partir de 68, tornou-se cinegrafista da Tv Cultura. Nesta época, dirigiu-se à Alemanha, para curso de aperfeiçoamento. Ao regressar, fez assistência de câmera de Dib Lutfi, um dos monstros sagrados da fotografia no cinema brasileiro. A perda da vista direita significou o aparecimento de uma barreira para Tânia. Sendo mulher, já era discriminada. Com o problema na vista, Tânia passava a enfrentar dois empecilhos.

Guerreira, ela partiu em busca de recursos para produzir seu primeiro longa-metragem: **Nordeste-Cordel, Repente e Canção**. O filme teve boa receptividade e chegou num momento em que a produção de artistas populares andava em baixa. Marcus Pereira, com sua gravadora, quixoteava para realizar o mapeamento musical do país.

Entusiasmada, Tânia partiu para um novo projeto, com o companheiro Luis Keller. Juntos eles realizaram um longa-metragem composto de vários curtas, que mostravam o Brasil ao som instrumental de compositores famosos como Hermeto Paschoal, Egberto Gismonti, Nivaldo Ornelas e Luis Keller, entre outros. O filme, financiado pelo Banco do Brasil, foi bem recebido no exterior. Aqui, não teve a receptividade esperada e não entrou no mercado tradicional de exibição. Mas foi, para Tânia, uma

experiência fascinante.

Hoje, a cineasta vive um momento de total repensar do cinema. "Quero fazer um trabalho simples, mas que participe do processo cultural do país".

CINEOLHO

O cineclubista, cineasta e professor João Batista Lanari está em Brasília há pouco tempo. Veio do Rio, onde realizou filmes em super-8 e o curta-metragem **O Céu e o Limite**, que lhe deu o prêmio de melhor diretor do I Festival do Filme Brasileiro, promovido pela ABD-DF, na Cultura Inglesa.

João Lanari integrou a equipe da revista **Cineolho**, editada inicialmente no Rio e depois em São Paulo. Esta revista representa uma das mais instigantes experiências de jornalismo cinematográfico, já que se pautava por uma postura profundamente questionadora do momento cultural brasileiro.

A jornalista Maria do Rosário colocou, para Lanari, a discussão de trecho de um artigo escrito por Rubens Machado Jr., na **Cineolho** nº 3, onde se questiona a política desenvolvida, na última década, pelos cineclubes.

"**Cineolho**, iniciativa - em boa parte - de cineclubistas, pretende prosseguir regularmente uma abordagem do panorama cineclubista, tentado problematizar sua atividade em seus diversos aspectos, promovendo um debate que possa sacudir a sonolência imperante. Para tanto, papel destacado já cumpre a informação e debate sobre o cinema e sua problemática, a brasileira em especial e, é claro, objetivando a consciência que o cineclubismo pode ter disto tudo, posicionando-se frente a imperativos presentes. Aliás, não é senão este o esforço que vem caracterizando o cineclubismo em sua retomada nos últimos quatro anos (dezembro/77); em que pese o enfoque nacionalista que predominou, colocado pela hegemonia do discurso quase "embrafilista". E, contudo, fundamental o esforço consistente da objetivação e posicionamento do cineclubismo frente à configuração e dinâmica próprias do cinema em geral e do brasileiro em particular, levando em conta o estético, o cultural e o industrial".

Lanari: esta postura era mais ou menos um consenso geral entre a turma que fazia a **Cineolho**. Havia, naqueles anos, um "clima" que nos parecia muito temeroso. Estávamos presenciando a consolidação do projeto embrafilista. **O Amuleto de Ogum**, do Nelson Pereira dos Santos, era apontado como um "filme popular", o início do encontro do Cinema Novo com o grande público. Falava-se no Novo Cinema Novo. Hoje, gosto do **Amuleto**. Logo depois, viria

Xica da Silva, querendo ser um divisor de águas. O paternalismo embrafilista fechava as portas para o cinema independente. Nós, cineclubistas, estávamos sendo paternalizados em excesso. Queriam que reproduzíssemos o discurso (a história) do Cinema Novo. Lembro-me que Maurício Azevedo promoveu um curso de Cineclubismo na ABI, onde defendeu a ideia de que devíamos ser agentes de difusão dos novos "filmes populares", produzidos pela Embrafilme. Minha posição era a de um cineclubista formado pelo Cinema Novo e reformado pelo "Cinema Marginal". Tenho, por isso, um trauma com este tipo de curso.

PEDRA

Pedro Anísio, um dos integrantes da Pedra Produções Cinematográficas, responsável pela realização dos filmes **Fig-Meu-Anjo; Os Três Poderes São Um Só - O Deles; Escrevendo Certo Por Linhas Tortas; O Papa Em Brasília e Conversas Paralelas**, falou de sua trajetória, ao lado de Marcelo Coutinho e João Facó, os três "pedreiros".

— Em 1978, nos reunimos: Marcelo e Facó, estudantes de Comunicação na UnB e eu, estudante de Sociologia, e muito envolvido com teatro. Da nossa união surgiu a Pedra e a proposta de fazer um "Cinebiografia do Brasil", projeto pretensioso, se se levar em conta nossa precariedade de recursos. Ai, começamos, aos trancos e barrancos, com pouquíssimos recursos, a documentar o Vale do Amanhecer, a greve de motoristas da TCB, as lutas dos Incansáveis Moradores de Ceilândia, além de uma série de enterros famosos: do Orlando Geisel, do Petrólio Portella, entre outros. Mas tudo fleou registrado, sem que fizessemos um filme. Foi aí que Pompeu de Sousa nos deu uma carta de apresentação a Nelson Pereira dos Santos, já presidente da Cooperativa Brasileira de Cinema (CBC). Nelson nos encaminhou a Geraldo Sarno, que nos cedeu moviola etc. Foi aí que montamos **Fig-Meu-Anjo e Escrevendo Certo Por Linhas Tortas**. Enquanto isso, o Marcelo Coutinho (fotógrafo da Pedra) teorizava: Brasília é um grande estúdio natural e o preto-e-branco é o grande lance. No fundo, diz Pedro, sorrindo, isto eram teses para justificar nossa pobreza de meios e recursos. Queríamos, os três, viver de cinema. Mas se profissionalizar em Brasília não é fácil. Por isso, Marcelo foi-se embora para o Rio, onde está fotografando o longa **Macunaíma-Coração do Brasil**, do Paulo Verissimo. João Facó e eu desmanchamos a produtora. Estou aguardando o resultado do Concurso de Roteiros da Embrafilme, onde inscrevi **Mandala**.

DOCUMENTÁRIO

Marcos Mendes, autor do curta **Seu Ramulino** e membro da equipe que fez o estimado super-8 **O Boi do Tedor** (George Diab), produzido sob supervisão de Vladimir de Carvalho e Heinz F'orthmann, na UnB, acaba de regressar de Paris, onde se dedicou a dois anos de estudos do cinema documentário. Lá, aluno de Jean Rouch, e frequentando diariamente a Cinemateca Francesa, pôde desenvolver longas reflexões sobre o documentário, vendo filmes de Diziga-Vertov, Flaherty, Joris Yvens e Rouch, entre outros. Lembrando que nós sempre alimentamos complexo de colonizados e os europeus e de colonizadores, Marcos destacou que nossos grandes documentaristas nada ficam a dever a Jean Rouch, por exemplo. E repetiu frase de Vladimir de Carvalho, seu mestre, ao lado de Heinz F'orthmann: "O curta-metragem é nosso IDHEC" (referência ao famoso Instituto de Estudos Cinematográficos, de Paris). Ainda neste semestre, Marcos Mendes terá a oportunidade de transmitir aos brasileiros o que ele aprendeu - refletiu - em Paris, já que ministrará um curso sobre o "Cinema Documentário".

DEBATE

Omar Abbud lembrou frase corrente entre o brasileiro comum: **filme documentário é muito chato**. "Esta frase, para mim, perde sentido, depois de **Os Anos JK**, do Silvio Tendler, que é um filme fascinante, com gosto de quero mais". Ele lembrou ainda, entrevista do fotógrafo Chick Fowle, que disse, durante o Festival de Brasília de 1981, quando foi homenageado pelo filme de Roberto Santos: "todo país produz coisas popularescas para financiar os grandes projetos culturais. Quantos pessimismos musicais os americanos geraram para produzir um **Cidadão Kane**?"

José Acioli, presidente da ABD-DF, que havia proferido palestra no seminário "Cinema e Cineclubismo", abordando a "Linguagem Cinematográfica", por ele exercitada nos filmes **A Meleca; Lula, O Pescador; Dilema; Meandros e Cruviana**, falou dos novos planos da entidade que dirige. No momento, a ABD está coordenando discussões em torno da criação de uma associação brasileira de produtores de cinema.

Maria do Rosário lembrou o projeto de Pólos Cinematográficos, que deverá reunir cineastas, na Paraíba, em março próximo, onde Manfredino Caldas coordena seminário que discutirá a descentralização cultural. A Embrafilme, em sua nova gestão, vem se mostrando descrente dos Pólos, com base na experiência de Salvador, Minas Gerais e São Paulo.